



Bom de Cama

Jennifer Weiner



"*Bom de cama* é um deleite, uma história de Cinderela contemporânea contada com inteligência, humor e estilo."

— Susan Isaacs, autora de *Almost Paradise* e *Red, White, and Blue*.

"Engraçado, enérgico e inabalavelmente honesto, *Bom de cama* é um lançamento de peso para Jennifer Weiner. Consumi este livro de uma só vez, torcendo por Cannie, a heroína, e rogando as pragas mais atrozes em seu ex-namorado. Li o tempo todo com um sorriso nos lábios."

— Valerie Frankel, autora de *Smart vs. Pretty*.

LEGANTO
EDITORA

ISBN 85-88768-02-X



Abas:

A principio, meus olhos não conseguiram atinar com o que estava escrito. Mas logo as letras se desembaralharam. “Amando uma Mulher Avantajada”, dizia a manchete, “de Bruce Guberman”. Bruce Guberman tinha sido meu namorado durante pouco mais de três anos, até alguns meses atrás, quando resolvemos dar um tempo. E a Mulher Avantajada eu não pude achar que fosse outra além de mim mesma.

Cannie Shapiro nunca quis ser famosa. A repórter especializada em cultura pop, inteligente, mordaz e de tamanho avantajado estava perfeitamente satisfeita em escrever sobre a vida de outras pessoas nas páginas do Philadelphia Examiner. Mas no dia em que abre uma revista feminina de circulação em âmbito nacional e descobre que seu ex-namorado anda escrevendo crônicas sobre as experiências sexuais que tiveram juntos, sua vida muda para sempre.

“Amar uma mulher avantajada é um ato de coragem em nosso mundo”, escreveu Bruce. E Cannie – que nunca soube que Bruce a via como uma “mulher avantajada”, ou achasse que amá-la era um ato de coragem – mergulha na tristeza e no ano mais impressionante de sua vida.

Escrito com garra e humor agridoce, repleto de tiradas espirituosas e surpresas emocionantes, este romance de estréia de Jennifer Weiner é uma delícia de ler. Vai além da história de Cannie e toca o coração de toda mulher.

Jennifer Weiner é escritora e colunista do The Philadelphia Inquirer. Mora na Filadélfia com seu cachorro, Wendell. Bom de cama é seu primeiro romance e os direitos de tradução já foram vendidos para dezesseis países. Para obter maiores informações sobre a autora e sua obra visite o site www.jenniferweiner.com.

Para minha família.

O lar é tão triste! Fica qual o deixaram,
Conforme os caprichos do último a partir
Para conquistá-los de volta. Mas, carente
De alguém para agradar, ele murcha,
Sem um coração para guardar o furto
E voltar-se novamente ao que foi no começo,
Alegre ensaio de como devem ser as coisas,
Há muito desfeitas. Pode-se ver como foi ele:
Basta olhar as quadros e os talheres.
A música no banquinho do piano. O vaso, aquele.

- Philip Larkin

O amor não é nada, mas nada mesmo, absolutamente
nada do que dizem.

- Liz Phair.

PARTE UM

Bom de cama

UM

- Você viu só? – perguntou Samantha.

Cheguei mais para perto do computador de forma que a minha editora não me ouvisse tratar de assuntos pessoais ao telefone.

- Vi o quê?

- Ah, nada não. Esqueça. Vamos conversar quando você chegar em casa.

- Vi o quê? – perguntei de novo.

- Nada – repetiu ela.

- Samantha, você nunca me ligou no meio do dia para não falar nada. Sem essa.

Desembuche.

Ela soltou um suspiro.

- Está bem, mas preste atenção: eu não tenho nada a ver com isso, só estou dando uma notícia.

Aí eu fiquei preocupada.

- Moxie. Cannie, você tem de arranjar o último número, agora.

- Por quê? O que aconteceu? Será que eu saí na lista das mais deselegantes?

- Dê um pulinho na recepção e pegue a revista. Eu espero na linha.

Só podia ser uma coisa importante. Samantha, além de ser a minha melhor amiga, era sócia da Lewis, Dommel & Fenick. Fazia os outros esperar, ou mandava a secretária dizer que estava em reunião. Mas ela mesma não esperava nunca na linha. “É um sinal de fraqueza”, me dizia. Eu senti uma fisgada de ansiedade me subir pela espinha.

Tomei o elevador até o saguão do Philadelphia Examiner, acenei para o segurança e me dirigi à pequena banca de jornal, onde encontrei Moxie na prateleira junto a outras publicações semelhantes, Cosmo, Glamour e Mademoiselle. Não foi difícil de achar. Também, havia uma supermodelo de lantejoulas na capa e manchetes que diziam, “Sem gozação: Orgasmos múltiplos para todas!” e “Quatro fórmulas infalíveis para empinar o bumbum!” Após um breve minuto de deliberação, enquanto o caixa não parava de mascar o seu chiclete, peguei um saquinho de M&M, paguei o devido e retornei ao escritório. Samantha ainda estava esperando na linha.

- Página 132 – disse ela.

Eu me sentei, levei tranquilamente alguns M&M's à boca e abri na página 132, que por acaso era “Bom de cama”, sessão regular da Moxie, escrita por homens, com o intuito de ajudar a leitora normal a compreender o que seu namorado queria... ou não queria, conforme o caso.

A princípio, meus olhos não conseguiram atinar com o que estava escrito. Mas logo as letras se desembaralharam. “Amando uma mulher avantajada”, dizia a manchete, “de Bruce Guberman”. Bruce Guberman tinha sido meu namorado durante pouco mais de três anos, até três meses atrás quando resolvemos dar um tempo. E a mulher avantajada eu não pude achar que fosse outra além de mim mesma.

Sabe, nesses livros de terror, quando um personagem diz “Senti o coração parar”? Pois é, foi o que aconteceu comigo. De verdade. E depois o senti bater com toda a força

novamente, nos pulsos, na garganta, na ponta dos dedos. Os pelinhos da nuca se eriçaram. As mãos ficaram geladas. Deu até para ouvir o sangue retumbando nos ouvidos, quando li a primeira linha do artigo: “Nunca vou me esquecer do dia em que descobri que minha namorada pesava mais que eu.”

A voz de Samantha soou distante, como se viesse de muito longe.

- Cannie? Cannie, você está me ouvindo?

- Eu mato esse sujeito! – grunhi.

- Respire fundo – aconselhou-me Samantha. – Inspire pelo nariz, expire pela boca.

Betsy, minha editora, olhou intrigada através da divisória que separa nossas mesas.

“Você está bem?”, ela pergunta por meio de gestos. Eu fechei os olhos com força. Dei um jeito de derrubar o fone de ouvido no chão.

- Respire – disse a voz de Samantha, apenas um eco vindo do carpete.

Comecei a arquejar, ofegante. Senti o chocolate e a casca dos M&M's grudados nos dentes. Bati os olhos na citação destacada em letras cor-de-rosa, gritando para mim do centro da página. “Amar uma mulher avantajada”, escrevera Bruce, “é um ato de coragem em nosso mundo.”

- Não acredito! Eu não acredito que ele tenha feito isso! Vou matar esse sujeito!

A essa altura, Betsy já tinha dado a volta em torno da divisória e tentava ler, por trás de mim, a revista que estava em meu colo.

Gabby, uma colega atroz, nos espionava com os reluzentes olhinhos castanhos à cata de uma encrenca, os dedos grossos a postos sobre o teclado para transmitir a má notícia, via e-mail, imediatamente às fofoqueiras. Eu, prontamente, fechei a revista. Consegui respirar fundo e, com um gesto tranqüilo, mandei Betsy de volta para o seu lugar. Samantha estava esperando.

- Você não sabia?

- Não sabia o quê? Que ele achava que me namorar era um ato de coragem? – tentei soltar algo como um riso irônico. – Ele deveria tentar se colocar no meu lugar.

- Então você não sabia que ele tinha arranjado um emprego na Moxie?

Virei a capa da revista para ver a lista dos colaboradores, onde era apresentado um breve perfil da pessoa, logo abaixo de imagens arte-finalizada em preto e branco de seus rostos. E lá estava Bruce, com os cabelos compridos esvoaçando ao vento, certamente artificial, por cima dos ombros. Sem um pinga de compaixão, achei-o parecido com o cantor New Age Yanní. “O colunista de ‘Bom de cama’, Bruce Guberman, entra para a equipe da Moxie este mês. Escritor free lance de New Jersey, Guberman está atualmente em seu primeiro romance.”

- Seu primeiro romance? – falei. Bem, talvez eu tenha berrado. Um monte de cabeças se viraram. Do lado de lá da divisória, Betsy mostrava-se preocupada novamente, e Gabby já tinha começado a digitar. – Sujeitinho de merda!

- Eu nem sabia que ele estava escrevendo um romance – disse Samantha, indubitavelmente ansiosa para mudar de assunto.

- Ele mal consegue escrever um bilhete de agradecimento – disse eu, abrindo a revista de novo na página 132.

“Eu nunca achei que fosse ficar a fim de uma gordinha”, eu li. “Mas quando conheci C., me apaixonei porque ela era muito espirituosa, tinha uns olhos brilhantes e um riso contagiante. Quanto ao corpo, resolvi que era uma coisa com a qual eu poderia aprender a conviver.”

- Ah, Eu Mato Esse Cara!

- Então mate logo e cale a boca de uma vez por todas – resmungou Gabby, empurrando os óculos fundo-de-garrafa para cima do nariz.

Betsy já estava novamente de pé, e as minhas mãos tremiam, e de repente havia um monte de M&M's espalhados pelo chão, sendo esmigalhados pelas rodinhas da minha cadeira.

- Preciso desligar – disse a Samantha, e desliguei.

- Estou bem – falei para Betsy. Ela me lançou um olhar de preocupação e voltou para sua mesa.

Precisei tentar três vezes até conseguir acertar o número de Bruce, mas depois que o correio de voz me informou que não poderia atender ao meu telefonema, perdi a paciência, desliguei e tornei a ligar para Samantha.

- Bom de cama, uma ova! – disse eu. – Eu deveria ligar para o editor dele. Isso é propaganda enganosa. Ora, essa! Será que verificaram as referências dele? Para mim, ninguém telefonou.

- Isso é a voz de raiva – falou Samantha, desde que começou a namorar com o professor de yoga, ela andava bastante filosófica.

- A fim de uma gordinha? – disse eu. Senti uma lágrima enchendo meus olhos. – Como é que ele foi fazer uma coisa dessas comigo?

- Você leu tudo?

- Só o comezinho.

- Talvez seja melhor não ler o resto.

- Piora ainda mais?

Samantha soltou um suspiro.

- Quer mesmo ler?

- Não. Quero, sim. Não, não quero – aguardei um instante. Samantha aguardou um instante. – Quero sim. Pode dizer.

Samantha soltou outro suspiro.

- Ela a chamou você de... “Lewinskyana”.

- Referindo-se ao meu corpo ou às minhas chupadas? – tentei rir, mas o que saiu foi um soluço estrangulado.

- E sai falando da sua... deixe-me encontrar. Da sua “amplitude”.

- Ai, meu Deus!

- Disse que você era suculenta – falou Samantha, em tom reconfortante. – E carnuda. Não é uma palavra ruim, você acha?

- Caramba, durante todo o nosso namoro ele nunca falou nada...

- Você deu o fora nele. Ele ficou zangado – disse Samantha.

- Eu não dei o fora nele – gritei. – A gente só estava dando um tempo. E ele concordou que seria uma boa idéia!

- Ora, e o que ele poderia fazer? – perguntou Samantha. – Você diz: “Acho que precisamos dar um tempo”, e ele só tem duas coisas a fazer: concordar com você e vai embora com os cacos da dignidade que lhe resta, ou implora para você ficar com ele e faz uma cena patética. Ele escolheu os cacos de dignidade.

Eu passei as mãos pelos cabelos cortados à altura do queixo e tentei avaliar o grau da devastação. Quem mais teria visto aquilo? Quem mais saberia que C. era eu? Será que ele teria mostrado aquilo a todos os amigos? Será que a minha irmã teria visto aquilo? Será,

Deus me livre, que a minha mãe teria?

- Preciso desligar – falei novamente para Samantha. Tirei o fone de ouvido e me levantei da cadeira, de olho na sala de notícias do Philadelphia Examiner. Dúzias de pessoas, quase todas de meia-idade e brancas, digitando com afinco em seus computadores ou aglomeradas em torno de aparelhos de televisão assistindo a CNN.
- Alguém sabe como se faz para conseguir uma arma neste estado? – perguntei, para que todos no salão me ouvissem.
- Estamos trabalhando numa série – disse Larry, o editor do caderno da cidade, um homezinho de ar perplexo e barba que levava tudo absolutamente a sério. – Mas acho que as leis são bastante permissivas.
- Existe um período de espera de duas semanas – palpitou um dos repórteres esportivos.
- Isso é quando você tem menos de vinte e cinco anos – acrescentou um assistente de editor.
- Só se for para aluguel de carros – disse o repórter, em tom de escárnio.
- A gente acha isso para você, Cannie – disse Larry. – Tem pressa?
- Um pouco – eu me sentei e logo me levantei outra vez. – Na Pensilvânia, eles têm a pena de morte, não têm?
- Estamos trabalhando numa série – falou Larry, sem rir.
- Ah, esqueçam – falei, voltando a me sentar e a telefonar novamente para Samantha.
- Quer saber de uma coisa? Não vou matá-lo. A morte seria boa demais para ele.
- Você é quem sabe – disse ela, com toda lealdade.
- Vem comigo hoje à noite? Vamos pegá-lo de emboscada no estacionamento.
- Para fazer o quê?
- Isso eu resolvo até chegar lá – falei.

Eu tinha conhecido Bruce Guberman numa festa, no que pareceu ser uma cena da vida de outra pessoa. Eu nunca tinha conhecido, numa reunião social, um sujeito que se sentisse tão atraído por mim e que me pedisse para sair logo de cara. O meu modo normal de agir é ir minando a resistência deles com a minha presença de espírito, o meu charme e, em geral, um franguinho caseiro kosher, no tempero de alecrim e alho. Bruce nem precisou do frango. Ele foi fácil.

Eu estava parada num canto, onde tinha boa visibilidade do salão, além de acesso fácil ao molho quente de alcachofra. Estava fazendo uma imitação e tanto de Gabby, a Terrível, tentando comer uma patola de caranguejo do Alasca com o braço na tipóia. Foi assim que, na primeira vez em que vi Bruce, eu trazia um braço apertado contra o peito, como que engessado, a boca escancarada e o pescoço retorcido num ângulo particularmente grotesco, enquanto tentava sugar a carne imaginária de dentro da pata imaginária. Justamente quando eu chegava à parte em que ela enfiava a patola de caranguejo na narina direita sem querer, e acho que havia um pouco de molho de alcachofra na minha bochecha naquele momento, Bruce se aproximou. Altão e bronzeado, ele usava cavanhaque e um rabo-de-cavalo louríssimo, e tinha meigos olhos castanhos.

- Hum, com licença – disse ele. – Você está passando bem?
- Ergui as sobrancelhas na direção dele.
- Estou.
 - É que você estava meio... – a voz dele, muito bonita, ainda que um pouco aguda, sumiu.
 - Estranha?

- Uma vez eu vi uma pessoa tendo um derrame – contou-me. – Começou assim.
A essa altura, minha amiga Brianna já tinha se recomposto. Limpando os olhos, pegou a mão dele e disse:

- Bruce, essa é Cannie. Ela estava fazendo uma imitação.
- Ah – disse ele, ali parado, sentindo-se obviamente meio bobo.
- Não se preocupe – falei. – Foi bom você ter interrompido. Eu estava sendo malvada.
- Ah – repetiu ele.

Eu continuei falando.

- Está vendo? Agora estou tentando ser mais legal. É a minha resolução de ano-novo.
 - Já estamos em fevereiro – ressaltou ele.
 - Eu estava empurrando com a barriga.
 - Bom, pelo menos você estava tentando – disse ele, me deu um sorriso e foi embora.
- Passei o resto da festa pegando a ficha de Bruce. Ele veio com um cara com quem Brianna tinha feito pós-graduação. Boa notícia: fazia pós-graduação, o que mostrava um certo grau de inteligência, e era judeu, igualzinho a mim. Ele tinha vinte e sete anos. Eu tinha vinte e cinco. Já se encaixava.
- Ele é divertido – falou Brianna, antes de das as más notícias: vinha trabalhando na tese havia três anos, ou mais, e morava no centro de New Jersey, a mais de uma hora da gente, escrevia com freelancer aqui e ali, e dava umas aulinhas para os calouros, vivia de bico, de uma parca bolsa de estudos e, acima de tudo, do dinheiro dos pais.
 - Geograficamente indesejável – proferiu Brianna.
 - Mãos bonitas – foi a minha contrapartida. – Dentes também.
 - Ele é vegetariano – disse ela.

Eu me retraí.

- Há quanto tempo?
- Desde a faculdade.
- Hum! De repente, eu dou um trato nele.
- Ele... – Brianna não completou.
- Condicional? – brinquei. – Viciado em analgésicos?
- Meio imaturo – disse ela.
- Ele é homem – falei eu, dando de ombros. – E não são todos?

Ela riu.

- Ele é um cara legal. – disse. – Converse com ele. Você vai ver.
Passei a noite inteira observando-o e senti que ele estava me observando. Mas ele não falou nada até a festa terminar, e eu já estava indo para casa bastante decepcionada. Fazia um bom tempo que eu não via ninguém por quem me interessasse, ainda mais alto, com mãos bonitas, dentes bonitos, estudante de pós-graduação. Aquele Bruce parecia, pelo menos de fora, uma boa possibilidade.

Mas quando ouvi passos atrás de mim, eu não estava pensando nele. Estava pensando no que toda mulher que mora em cidade grande pensa quando ouve passos apressados se aproximando por trás, depois da meia-noite e no meio de um quarteirão. Dei uma olhada rápida ao redor, enquanto tentava pegar o spray de pimenta, em miniatura, que eu trazia sempre pendurado no chaveiro. Havia um sinal logo em gente e um carro estacionado bem na esquina. O meu plano era tentar imobilizar temporariamente quem quer que estivesse se aproximando de mim com o spray, quebrar o vidro do carro na esperança de disparar o alarme, gritar por socorro e sair correndo.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

